



## TRAGÉDIA NO SUL

# Volta às aulas exige mudança nos abrigos

Com a redução do nível das águas, escolas que recebem desalojados anunciam a retomada do semestre letivo nesta semana

» HENRIQUE LESSA  
Enviado especial

Fotos: Henrique Lessa/D.A. Press

Novo Hamburgo (RS) — Na cidade gaúcha de Novo Hamburgo, na Região Metropolitana de Porto Alegre, apesar da trégua dada pelas chuvas nos últimos dias, não param de chegar desalojados ao local que concentra o atendimento dos atingidos pelas enchentes no município de 250 mil habitantes, famoso pela indústria de calçados. Mas, com o reinício das aulas previsto para amanhã em diversas escolas e universidades da região, muitos acolhidos estão sendo remanejados para outros lugares, como o pavilhão da Fenac, que, ontem, servia de moradia para mais 2,7 mil pessoas.

“A situação é única”, diz o assistente social Anderson Dias, responsável pelo abrigo novo-hamburguense durante a madrugada. “Estou há 13 anos trabalhando na área, já passei por diversas situações com enchentes, tivemos abrigos com 300, 400 pessoas, mas nenhuma com quase 3 mil, pessoas como agora”, conta. Ele lembra que, apesar do número de abrigados continuar aumentando, o de voluntários está diminuindo a cada dia.

O espaço com maior número de acolhidos no estado e um dos maiores já montados no país está em Canoas, também na Grande Porto Alegre. A Universidade Luterana do Brasil (Ulbra) recebeu mais de 7 mil pessoas desde o dia primeiro, quando as chuvas começaram a desalojar os moradores da beira do Lago Guaíba. A universidade, que também tem a previsão de retomar as aulas amanhã, optou por iniciar o semestre letivo apenas com atividades remotas, on-line.

Na mesma região, a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), em São Leopoldo, que abriga mais de 1,5 mil pessoas, deve ter menos problemas com a volta do semestre letivo. A instituição utilizou apenas uma área esportiva do campus para acolher os desalojados. Mas a situação da Unisinos não é regra. Em todo o estado, diversas instituições de ensino — escolas e universidades públicas e privadas — estão buscando alternativas para reacomodar as pessoas que ainda devem enfrentar uma longa espera até que as águas baixem e elas possam voltar para casa. Ou até que sejam atendidas por algum programa habitacional, se a volta for impossível dada as condições da habitação ou do bairro.



Folhas de papelão viram divisórias nos abrigos da Grande Porto Alegre. Frases motivacionais ajudam a alimentar a esperança dos desalojados



**Nossa casa inundou em questão de segundos, só sobrou o teto, saímos de casa perto de 1h da madrugada”**

**Denise Pereira, 39 anos**

### Esperança

Segundo o último balanço da Defesa Civil do Rio Grande do Sul, divulgado no início da noite de ontem, foram confirmadas

155 mortes, e há 97 desaparecidos. Nos abrigos públicos, 77,2 mil pessoas aguardam uma solução para o problema da moradia. A reportagem do **Correio** visitou os três maiores abrigos do estado



**Nós vamos voltar para lá, a casa rachou, mas vamos fazer o reforço. Se disserem que secou, eu saio me quebrando, correndo para lá”**

**Jair Soares, 65 anos**

para conversar com os desalojados. Apesar das perdas provocadas pela enchente e das lembranças dos momentos de medo com a subida das águas, todos preferem falar em reconstrução

esperança no recomeço. Muitos sabem que não poderão voltar para casa tão cedo.

Em Novo Hamburgo, os abrigados deram um nome para o local que serve de endereço

provisório: “Vila Esperança”. Nos papelões usados como divisórias para manter um mínimo de privacidade entre as famílias que dividem o amplo ginásio de esportes, há muitas mensagens que traduzem o espírito que todos tentam manter, como “O eu morreu afogado e nasceu o nós” e “A chuva trouxe o recomeço”.

Esse recomeço é ansiado pela dona de casa Denise Pereira, de 39 anos, grávida de oito meses, à espera do sétimo filho, no abrigo da Ulbra. Ela viu a casa em que morava, no Bairro Rio Branco, em Canoas, ser rapidamente invadida pela água. “Nossa casa inundou em questão de segundos, só sobrou o teto. Saímos de casa perto de 1h da manhã”, lembra a gestante.

Ao lado dos filhos e do marido — o pedreiro Gilberto Costa, 35 —, Denise espera que a chegada de Maria Vitória simbolize uma nova fase para a família. Gilberto fala que todos estão bem atendidos no abrigo, recebem a assistência necessária, mas ele não esconde a vontade de voltar para casa com a mulher e os filhos.

“Quando voltarmos, vamos ver o que sobrou. A casa era alugada por R\$ 500, mas, hoje, não encontramos nada por esse valor. (O aluguel de) uma quitinete passa de R\$ 1,2 mil depois dessa enchente toda. Viver aqui no abrigo está bom porque tem assistência em tudo, mas não está dando para trabalhar, meu serviço todo está embaixo da água. Agora é correr atrás, tentando se equilibrar até recuperar tudo”, comentou Gilberto.

O desejo de recomeçar é o mesmo da doméstica aposentada Marli Dellmagro que, aos 62 anos, está no abrigo da Unisinos, em São Leopoldo, para onde levou os seis cães de estimação. Ela lamenta ter perdido o imóvel em que morava, adquirido pelo programa Minha Casa Minha Vida, que foi parcialmente destruído pela força das águas. Marli é cardíaca e, apesar do histórico de dois infartos e de um rim removido, segue com o plano de reconstruir a casa comprada com esforço pelo casal.

A força para seguir em frente é alimentada pelo marido, o metalúrgico aposentado Jair Soares, 65 anos. Ele conta que só teve medo de perder a esposa após tantas dificuldades com a saúde dela. Mas aposta que, a partir de agora, a vida vai melhorar. “Nós vamos voltar para lá, a casa rachou, mas vamos fazer o reforço. Se disserem que secou, eu saio me quebrando, correndo para lá”, afirma Jair, com o peculiar jeito de falar dos gaúchos.

## Emirados Árabes enviam 64 toneladas

» RENATO SOUZA  
» FRANCISCO ARTUR

Chegaram, ontem, ao Brasil, três aeronaves com 64 toneladas de doações para o Rio Grande do Sul. Os donativos foram enviados ao governo brasileiro pelos Emirados Árabes Unidos como uma forma de oferecer suporte às pessoas que estão desabrigadas ou que sofrem com a falta de alimentos, água e vestimentas em decorrência da tragédia causada pelas inundações que

atingem o estado.

Entre os materiais despachados nos aviões dos Emirados Árabes estão 500 geradores, 10 mil pacotes com redes de proteção contra mosquitos, 10 toneladas de produtos para higiene, 10 mil cobertores e 5 mil lâmpadas solares. Os suprimentos chegaram na noite de ontem em São Paulo de lá, seguem ao Rio Grande do Sul.

O segundo e o terceiro voos vão chegar ao Brasil amanhã. O terceiro voo contará com doações da comunidade brasileira

residente nos Emirados Árabes. A vinda dos aviões com doações ao Rio Grande do Sul foi anunciada pelo Itamaraty, em seu perfil no X (antigo Twitter).

Além dos mantimentos para as pessoas, ontem a Força Aérea Brasileira (FAB) transportou 20 toneladas de ração doadas para cidades do estado. Os mantimentos foram enviados para alimentar os cães e gatos vítimas das enchentes que devastaram a maior parte do estado. A aeronave KC-390 Millennium levou também

itens essenciais para pets, como caixas de transporte, camas e bebedouros. A primeira-dama, Janja da Silva, participou das ações de embarque da carga, na Base Aérea de Brasília.

Os pacotes de ração e demais itens tiveram como destino a Base Aérea de Canoas. De lá, são levadas via terrestre e de barco para os locais onde estão famílias que não saíram de casa e para abrigos que estão sendo usados para alocar os animais que foram resgatados.

Reprodução/X @ltamaraty



Os Emirados Árabes doaram geradores, mosquiteiros e material de higiene